

## **APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA EM CRIANÇAS DE 3 A 7 ANOS VINCULADAS AO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – CRAS**

**Viviane Martinello<sup>1</sup>**  
**Orestes Trevisol Neto<sup>2</sup>**

**Resumo:** Relata apresentações de biblioterapia em crianças de 3 a 7 anos participantes de grupos de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo - SCFV de Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Para levantamento de dados utilizou-se como instrumento a observação assistemática com intuito de descrever as sessões e os efeitos que a aplicação da biblioterapia surtiu nas crianças. Descreveu-se as três sessões realizadas e as atividades lúdicas aplicadas com o grupo SCFV. As sessões incentivaram a união do grupo e encorajaram as crianças a se identificarem com os personagens ficcionais, bem como projetarem-se dentro das histórias e, ainda, durante as sessões as crianças escolheram o momento que mais gostaram da história para posteriormente colorir. As atividades biblioterapêuticas estimularam a socialização, provocaram o interesse pela leitura e o gosto pela cultura. Além disso, incentivaram as demonstrações de emoções, a verbalização de seus sentimentos, e também promoveram a descontração, a imaginação e o lazer.

**Palavras-chaves:** Biblioterapia. Componentes biblioterapêuticos. Desenvolvimento Infantil.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este texto relata o exercício prático de biblioterapia desenvolvidas no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) de Pato Branco - PR, com um grupo de crianças do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV).

Como questão norteadora da pesquisa buscou compreender quais os efeitos da aplicação da biblioterapia em crianças de três a sete anos participantes do CRAS? Assim, a pesquisa teve como objetivo aplicar três sessões de biblioterapia em crianças de três a sete anos integrantes de SCFV do CRAS.

A biblioterapia proporciona o cuidado com o desenvolvimento do ser humano por meio das histórias, sejam elas, lidas, narradas ou dramatizadas. Estimula a imaginação e o desenvolvimento do faz-de-conta nas relações da criança com o meio e com as pessoas, e promove um momento de expressão das emoções e dos pensamentos (CALDIN, 2010).

Para a prática, as sessões de biblioterapia tornam possível trabalhar questões emocionais e socioculturais partilhadas pelo grupo. Assim, a biblioterapia colabora com os objetivos do SCFV e do CRAS, pois oferece um momento de socialização para as crianças e possibilita que a criança compreenda a rede de significados sociais da qual participa. E ainda, propicia manifestar emoções pela catarse, auxilia na construção da identidade pela identificação, introjeção, projeção e introspecção, proporciona um momento de lazer e descontração pelo humor (CALDIN, 2010).

A biblioterapia vai além de uma simples leitura, como explica Caldin (2010, p. 14-15) ela se configura pelos “comentários advindos dessa leitura nascidos das vivências do ouvinte com a interpretação das palavras do autor”. Desta forma, a biblioterapia vai estimular a criatividade e o

<sup>1</sup> Graduanda em Biblioteconomia pela UNOCHAPECÓ. Psicóloga na Prefeitura Municipal de Pato Branco. **E-mail:** vivianemartinello@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC). Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Técnico em Administração pela Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná. **E-mail:** orestes\_tn@hotmail.com



surgimento de emoções, que irão agir das formas mais variadas em cada pessoa, pois quando ouve ou lê o texto o sujeito significa-o a partir de suas vivências e experiências de vida.

Para que a biblioterapia surta efeito é necessário o envolvimento do aplicador do método com o ouvinte ou leitor, como afirma Caldin (2010, p. 18) “a importância da intercorporeidade e do descentramento no ato da leitura [...] a leitura só tem sentido na vivência, que não existe objeto leitura em si, somente enquanto objeto percebido, sentido, pensado”. A leitura somente irá “tocar” o ouvinte ou leitor se houver um envolvimento por parte do aplicador e se esse ouvinte ou leitor perceber que há um desejo de ajudá-lo. Ele deve estabelecer uma relação empática para possibilitar que a pessoa se envolva na história e de asas à imaginação e à fantasia. Segundo Caldin (2010, p. 44) “É indispensável demonstrar empatia, interesse e preocupação com o bem-estar do outro, saber escutar os problemas alheios e ser flexível no programa de atividades que planejou [...]”

Para maior compreensão do processo da biblioterapia devemos conhecer os componentes biblioterapêuticos descritos por Caldin (2001) como: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.

## 2 METODOLOGIA OU MATERIAIS E MÉTODOS

As sessões aconteceram no Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, localizado na cidade de Pato Branco (PR), com um grupo do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo – SCFV, composto de cinco crianças entre as faixas etárias de 3 a 7 anos. A atividade biblioterapêutica foi realizada em três encontros semanais, no primeiro encontro com 7 crianças, segundo 9 e no último foram 6, nos meses de outubro e novembro de 2018. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a observação assistemática com intuito de descrever as sessões e os efeitos que a aplicação da biblioterapia resultou nas crianças.

As histórias infantis foram selecionadas a partir da potencialidade de despertarem reações de humor e risos, sentimentos de identificação, projeção, introjeção, introspecção e catarse. Foram selecionadas as seguintes histórias: Até as princesas soltam pum (BRENMAN, 2010); “O casaco: uma história de caridade” (O CASACO, [?]) e “A pequena vendedora de fósforos” (ANDERSEN; BELLI, 2011).

As aplicações das sessões de biblioterapia ocorreram nas datas de 19 e 26 de outubro e 9 de novembro. As sessões aconteceram nas sextas-feiras a partir das 8h:30min, com a duração em média de 20 minutos, após foram disponibilizados para as crianças desenhos dos personagens das histórias ouvidas, para elas escolherem o trecho da história que mais gostaram e assim colorir. As histórias contadas foram digitalizadas e projetadas em um telão, buscando com isso motivar as crianças a se envolverem no enredo.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No dia 19 ocorreu a primeira sessão de biblioterapia com sete crianças, sendo elas, F. (4 anos), Y. (6 anos), G. (5 anos), E. (4 anos), A (6 anos), C (7 anos) e R (6 anos). Inicialmente, as crianças sentaram-se envolta da mesa e pediu-se que, quando ouvissem a história, se imaginassem dentro dela e se colocassem no lugar dos personagens.

Enquanto ouviam a história, no trecho em que “A pequena vendedora de fósforos” acende o fósforo para se aquecer e se imagina em frente à uma lareira, a criança Y. **pergunta:** “**Ela está sonhando?**” (grifo nosso). E responde-se que ela pode estar sonhando ou pode estar

imaginando, você escolhe! Ao fim da sessão perguntou-se: gostaram da história? As crianças responderam em coro **“sim!”** (grifo nosso).

Indagou-se, a história era triste ou alegre? A criança Y. **respondeu: Triste!** (grifo nosso). Perguntou-se, por quê? Ele respondeu **“Porque ela era pobre!”** (grifo nosso) Questionou-se, é triste ser pobre? E ele respondeu **“sim”** (grifo nosso).

Nesse diálogo com a criança Y., quando ela afirma que **“ser pobre é triste”** (grifo nosso), pode-se compreender que nesse momento houve uma catarse, pois como afirma Laplanche e Pontalis (1999, p. 61) “quando induzimos lembranças tornando consciente experiências esquecidas”, aqui no caso a experiência de ser pobre, “Essas recordações evocadas e mesmo revividas com uma intensidade dramática fornecem ao sujeito ocasião de exprimir, de descarregar os afetos [...]”.

Como próxima atividade, depois da contação, foi mostrado para as crianças uma folha com trechos das histórias e as crianças deveriam escolher qual trecho mais gostaram, uma vez que, receberiam ele em branco e preto para colorir. As meninas R., C., A., E. e a G. escolheram o desenho da menina com a vovó e os meninos Y. e F. escolheram o desenho da menina e o banquete. Para os que escolheram o desenho com a avó, perguntou-se se todos tinham avó e responderam que sim, então deveriam pensar em uma de suas avós para pintarem o desenho. E para os que escolheram o desenho da menina e o banquete, questionou-se o que eles queriam para eles daquele banquete (atividade relacionada a “A pequena vendedora de fósforos”).

Diante do acontecido, observa-se o componente biblioterapêutico da identificação, primeiramente no caso das meninas quando escolheram o desenho da Avó, identificaram na personagem da história suas avós. E também, no caso de Y, quando ele menciona a tristeza em ser pobre, e escolhe justamente o banquete, ainda, menciona que queria o pernil e o prato de carne do desenho. A identificação ocorre, segundo Caldin (2010), quando há a apropriação dos personagens ficcionais, porque entra em cena a afetividade por eles, que no caso seria a afetividade pelas avós e o desejo pelo banquete.

No segundo dia de aplicação da sessão, 26 de outubro, teve-se a participação de mais crianças, um total de nove, não se acreditou ser ético impedir que as demais crianças presentes participassem. As crianças presentes foram: as meninas K. (3 anos), T. (7 anos), G. (5 anos), E. (4 anos), C. (7 anos), A. (4 anos), R. (6 anos) e os meninos N. (5 anos) e Y. (6 anos). Foi percebido que havia uma certa dificuldade para as crianças mais jovens manterem a atenção, talvez porque as crianças não tinham familiaridade em ouvirem histórias. Elas apresentavam inquietação e ansiedade, com o desejo que as histórias chegassem ao fim.

As crianças tinham manifestações discretas de emoções, provavelmente devido à presença de novas crianças, ou porque, a atividade e a presença da contadora eram novidades para elas. Mas, observou-se que a criança C. durante o trecho que relata que **“a Cinderela era uma peidona”** (grifo nosso) sorriu em silêncio. A criança N. durante o trecho que relata que branca de neve **“soltou um pum fedorento, que chegava a ser tóxico”** (grifo nosso) manifestou um leve sorriso.

Ao fim da sessão foi questionado, o que vocês acharam da história? As crianças responderam em coro: **“legal!”** (grifo nosso). Exclamou-se: As princesas são tão bonitas, tão perfeitas, mas como todos, elas também soltam pum! Perguntou-se para as crianças: Vocês soltam pum? **“Elas sorriram e a criança Y. respondeu: Eu não!”** (grifo nosso). Sério Y. você não solta? **“Ele riu. Como dizendo que sim. E todas as crianças riram também, como confirmando que também soltavam pum.”** (grifo nosso)

As crianças escolheram o momento da história que acharam mais engraçado. As crianças T., G., Y., E., R. e N. escolheram o trecho que relata que “branca de neve soltou um pum fedorento, que chegava a ser tóxico”. Já as crianças C. e K., escolheram o trecho que fala que “a Cinderela era uma peidona”

Nas manifestações de humor mencionadas acima, podemos relacionar as palavras de Kaufmann (1996), de que o humor é um modo de obter prazer, é uma defesa e uma maneira de escapar à opressão da dor.

No dia 9 de novembro, ocorreu a terceira e última sessão de biblioterapia com a presença de um total de seis crianças Y. (6 anos), G. (5 anos), C (7 anos), A (6 anos), N (5 anos) e R (6 anos). De início, as crianças sentaram-se envolta da mesa e solicitou-se que, quando ouvissem a história, se imaginassem dentro dela e se colocassem no lugar dos personagens. Após contar a história “O casaco: uma história de caridade” **“a criança Y. muito feliz diz: que legal! Conta de novo”** (grifo nosso). A seu pedido a pesquisadora contou novamente a história. Ao fim da história **“Y. exclama, muito feliz, agora vamos fazer a atividade”** (grifo nosso). Para Caldin (2010) quando as crianças se identificam com os personagens das histórias elas se imaginam vivendo no lugar dos próprios personagens, elas emergem nas aventuras fictícias, portanto, elas poderão se sentir realizadas com as vitórias e conquistas dos personagens, demonstrando felicidade e alívio ao fim das histórias, o que pôde-se claramente observar com a criança Y.

A pesquisadora perguntou, **“gostaram da história? As crianças respondem em coro: Sim!”** (grifo nosso), em seguida ela questiona, **“é uma história feliz ou triste? E eles respondem: triste!”** (grifo nosso). Ainda se indagou, porque é uma história triste? E **“a criança R. responde: porque tem um piázinho que tá com frio”** (grifo nosso). E, é triste sentir frio? Respondem em coro **“Sim”** (grifo nosso). Após isso, a pesquisadora indaga: tem uma parte da história que é feliz? E a **criança R. responde “sim, quando eles estão brincando na neve”** (grifo nosso). Além disso, tem outro momento que é feliz? **“A criança Y. responde quando a mãe dele deu o casaco pra ele”** (grifo nosso) e ele fez o que com o casaco, responderam em coro **“deu pro menino que estava sentindo frio”** (grifo nosso). Então: é bom ganhar presente e também é bom dar, responderam em coro **“dar presente”!** (grifo nosso). Como explica Caldin (2010) a biblioterapia se configura pelas análises advindas da leitura, que surgem das vivências dos ouvintes com as interpretações feitas.

A história contada fala de caridade, abnegação, amor ao próximo, ajuda, empatia, auxílio quando o outro está sofrendo e etc., pois no componente biblioterapêutico da introjeção a criança pode incorporar características dos personagens. Por meio de uma fantasia, a criança se identifica com um personagem e introjeta características dele, colaborando assim, para o desenvolvimento de sua personalidade, e por isso, é importante trazer histórias de personagens com características positivas e saudáveis.

No momento de colorir as crianças R. e Y. escolheram o desenho do menino de rua ganhando o casaco. As crianças C. e A., escolheram o momento que a mãe abraça o filho por ele ter sido caridoso. E a criança G. escolheu o momento que o menino ganhou o casaco de sua mãe e o N. a parte que demonstrava o menino de rua passando frio.

Foi observado que, quando **a criança Y. pede para “ouvir novamente a história”**, e posteriormente escolhe o desenho que **“o menino pobre de rua recebendo o casaco”**, pode-se concluir que o tema da pobreza emociona Y., na primeira sessão ele havia mencionado que **“ser pobre é triste”** (grifo nosso), e dos desenhos ele escolheu **“o banquete”**, bem como, mencionou que **“queria o pernil e o prato de carne do desenho”**. Contudo, compreende-se que a história emocionou Y. e estimulou a expressão de um momento catártico, tornou-se evidente que as histórias de pobreza emocionam, por lembrar, mesmo que de forma inconsciente, momentos vividos de penúria e carência. Do mesmo modo que Y., extrai-se que **a criança R. também, por meio da história traz à tona emoções, quando ela “responde, que a história é triste, porque tem um piázinho que tá com frio”** (grifo nosso), e também escolhe para colorir o desenho que **“o menino pobre de rua recebe o casaco”**.

Após as sessões, antes de finalizar as atividades do dia, era estimulado que eles brincassem e interagissem livremente, promovendo a socialização. Nesse momento, a

pesquisadora buscava se aproximar e brincar junto, já que para a biblioterapia surta efeito é necessário o envolvimento do aplicador com o ouvinte. Como afirma Caldin (2010) a leitura somente irá “tocar” o ouvinte se houver um envolvimento por parte do aplicador e se esse ouvinte perceber que há um desejo de ajudá-lo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades biblioterapêuticas promoveram a socialização, assim como provocam o gosto e interesse pela leitura. Além disso, incentivaram as demonstrações de emoções, a verbalização de seus sentimentos, e também, acarretaram a descontração, a imaginação e o lazer. As sessões de biblioterapia estimularam a união do grupo, houve o encorajamento das crianças a se identificarem com os personagens ficcionais, projetando-se dentro das histórias e escolhendo o momento mais interessante para posteriormente colorir.

A primeira história relatava a vida de uma menina pobre, o que despertou manifestações de catarse e identificação. Já, a segunda história retratou o tema humor, porém houve menos demonstrações e envolvimento do grupo. A terceira história também abordava acerca da carência e pobreza. Como forma de estimular a socialização do grupo, ao fim da atividade de colorir, o grupo e a pesquisadora brincavam livremente juntos.

Ressalta-se que, pelo fato de as crianças residirem em um bairro periférico, vulnerável, que fica geograficamente às margens da cidade, e ainda, que é considerado um local de risco (ponto de tráfico de drogas que ocasionalmente ocorrem confrontos entre traficantes com “troca de tiros” e esporadicamente execuções), as histórias que tratam de temas tristes, com pobreza, carência, desamparo, provocaram recordações de sentimentos passados e levaram as crianças exprimirem suas emoções.

#### REFERÊNCIAS

ANDERSEN, H. C.; BELLI, R. (org) **A pequena vendedora de fósforos**. São Paulo: TodoLivro, 2011.

BRENMAN, I. **Até as princesas soltam pum**. 2. ed. São Paulo: Brinque Book, 2010.

CALDIN, C. F.. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. Porto de Idéias: São Paulo, 2010.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: M. Fontes, 1994.

O CASACO: uma história de caridade. Disponível em:  
<https://www.mensagemspirita.com.br/mensagem-em-video/416/o-casaco-uma-historia-de-caridade-como-ensinar-seu-filho-a-ser-caridoso>.  
Acesso: 27 de out. 2018.